
A construção da cabo-verdianidade no trânsito entre Brasil e Portugal

Daniele Ellery Mourão

Resumo: Propõe-se apresentar os resultados obtidos em minha pesquisa de mestrado acerca das construções de identidades e nacionalidades de estudantes cabo-verdianos que fizeram graduação no Brasil, no âmbito do Programa de Estudante Convênio de Graduação e de Pós-Graduação (PEC-G e PECP-G), e que regressaram posteriormente aos seus países de origem, bem como os desdobramentos teóricos e metodológicos que levaram ao novo recorte da pesquisa de doutorado em andamento. Tomo como foco de análise a própria percepção dos estudantes sobre o significado da “cabo-verdianidade”, dos sentimentos que eles associam à construção de sua identidade e de sua nacionalidade, levando em conta a experiência de deslocamento que eles vivenciam.

Palavras-chave: Identidades, nacionalidades, pertencimento.

Abstract: This essay intends to introduce the results from my master’s research on foreign students from Cape Verde who had their undergraduate studies in Brasil, among the PEC-G and PECP-G exchange programs and who later returned to their homelands, as well as the theoretical and methodological developments that led me to my PHD qualification work still in progress. The current research has as its main goal to analyse the process of identity and nationality development in native Cape Verde students of undergrad an post-grad degrees currently studying in Brasil and in Portugal. My main focus of attention and analysis is the student’s own perception of the meaning of being a Cape-Verdean and the feelings and emotions they associate to the building of their identity and their nationality, taking into consideration their experience of being away and moving from their original location. The new anthropological perspectives incorporated into the research come from the post- colonial and the anthropology of emotions studies with which I have been occupying myself more intensely since I started my PHD studies in the past two years.

Keywords: Identities, nationality, membership.

Introdução

Este artigo propõe uma análise acerca dos resultados da minha pesquisa de mestrado que levaram à elaboração de novas questões e ao atual recorte da pesquisa de doutorado em andamento. Aprofundo a discussão sobre o tema das identidades e das nacionalidades em continuidade às reflexões realizadas na pesquisa de mestrado com estudantes guineenses e cabo-verdianos que fizeram graduação no Brasil, no âmbito do Programa de Estudante Convênio de Graduação e de Pós-Graduação (PEC-G e PECP-G)¹, e que regressaram posteriormente aos seus países de origem. A pesquisa anterior foi realizada no período de 2004 a 2006, com uma etapa em Fortaleza (Brasil) e outra etapa em Praia (Ilha de Santiago - Cabo Verde)² e em Bissau (Guiné-Bissau). No Brasil, realizei entrevistas com estudantes que ainda estavam com seus cursos universitários em andamento e em Cabo Verde e Guiné-Bissau com estudantes graduados e pós-graduados que já estavam inseridos no mercado de trabalho em seus países de origem.

Em diferença à pesquisa de mestrado, a atual pesquisa propõe um novo recorte metodológico ao se concentrar na construção de identidades e nacionalidades de estudantes cabo-verdianos em processos de *deslocamento-transitório*³ no Brasil e em Portugal. Tomo como foco de análise a própria percepção dos estudantes sobre o significado da “cabo-verdianidade”, ou seja, dos sentimentos que eles associam à construção de sua identidade e de sua nacionalidade, levando em conta a experiência de deslocamento que eles vivenciam e as implicações disso para a subjetividade dos indivíduos. Incorporo também à pesquisa novas perspectivas teóricas abertas pelos estudos Pós-coloniais e pela Antropologia das emoções com que tenho me ocupado mais intensamente nos dois primeiros anos do doutorado.

Dos resultados da pesquisa (MOURÃO, 2009), destaco os seguintes:

¹ Os Programas de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G) e de Pós-Graduação (PECP-G) foram desenvolvidos pelos ministérios das Relações Exteriores e da Educação, em parceria com universidades públicas - federais e estaduais - e particulares. O Programa seleciona estrangeiros, entre 18 e 25 anos, com ensino médio completo, para realizar gratuitamente estudos de graduação no Brasil. Em contrapartida, o estudante deve provar que pode custear suas despesas no Brasil e o compromisso de regressar ao seu país e contribuir com a área na qual se graduou.

² Cabo Verde é um país formado por dez ilhas: Santo Antão, São Vicente, Santa Luzia, São Nicolau, Sal, Boa Vista, Maio, Santiago, Fogo e Brava. Na Ilha de Santiago, local em que foi realizada a pesquisa de mestrado, está situada a capital do país, Praia.

³ Utilizo a categoria *deslocamento-transitório* para particularizar a situação vivida pelos estudantes de convênio e/ou de intercâmbio em relação a outros processos de migração, uma vez que este deslocamento comporta uma temporalidade determinada pelo período de duração do curso de graduação ou de pós-graduação.

a) A existência de uma dupla pertença em Cabo Verde - em parte com a Europa em parte com a África - marcada pela afirmação de uma identidade mestiça com pendor para a identificação portuguesa; b) A afirmação do hibridismo em Cabo Verde, marcando as identidades como cosmopolitas. Seja pelo processo de miscigenação, seja pela grande mobilidade cabo-verdiana, seja pelos processos migratórios e de *deslocamento-transitório* de estudantes; c) A grande importância dada em Cabo Verde à educação superior como parte do projeto de desenvolvimento nacional; d) Em contraposição à maior valorização dada, historicamente, em Cabo Verde, ao peso da identidade portuguesa nos processos de miscigenação, os relatos dos estudantes ressaltaram que suas vivências no Brasil possibilitaram uma descoberta da “africanidade” e um aprofundamento de suas “raízes africanas”. Ou seja, que a experiência do deslocamento, no contato com a alteridade no Brasil, produziu uma ressignificação de suas identidades e nacionalidades.

Nisso reside a relevância da atual pesquisa, que tem como objetivo investigar as implicações dos deslocamentos de estudantes cabo-verdianos para o Brasil e para Portugal, e as diferenças que esse percurso pode representar na construção da identidade e de um projeto de nação cabo-verdiana. A formação superior em Portugal se dá no contexto dos ex-colonizadores, diferentemente do Brasil, que além de estar na posição de ex-colonizado, viveu também problemas semelhantes quanto à miscigenação e aos processos de “branqueamento” (FERNANDES, 1978; DA MATTA, 1981; CHAUI, 2001).

A experiência de vida, durante o período de formação acadêmica em outro país, ao colocar os estudantes em contato direto com novos códigos de interação, permite que eles *ressignifiquem* suas identidades no sentido referido por Sahlins (1990) de incorporação de novos elementos que passam a fazer sentido numa nova situação, ampliando assim os seus referenciais culturais⁴. Isso se aplica não somente ao aprendizado intelectual adquirido nas universidades, mas especialmente aos diferentes valores e crenças com os quais entram em contato seja no Brasil ou em Portugal. O fluxo (trânsito), ao mesmo tempo em que promove uma maior ligação afetiva e de pertencimento com a nação (ANDERSON, 1989), produz na concepção de Hall (2003), um olhar diferenciado para a terra de origem como se esta tivesse

⁴ O conceito de cultura, ainda que pautado no significado das ações, de acordo com Geertz (1978) é visto de forma não essencializada assim como o sentido de tradições culturais. Chamo atenção ainda para a questão da identidade Cultural que, no sentido de Todorov (1999), não se limita às identidades nacionais; incluem-se outras, ligadas aos grupos pela idade, sexo, profissão, meio social e por isso, também, consideradas não homogêneas.

se tornado irreconhecível, fazendo questionar uma identidade essencial, pura, e um sentido fixo de tradição. Portanto, o que se perde e o que se ganha no trânsito são questões que não se pode perder de vista. Durante quatro anos ou mais fora de seu país, os estudantes adquirem não somente um grande conteúdo acadêmico, embasado pela tradição intelectual e cultural do país receptor, mas também uma ampla experiência de vida marcada pela hibridização de códigos e valores (BHABHA, 2007), evidenciando a necessidade de refletir sobre essas diferenciadas experiências de contato com a alteridade. Analisar a forma como o trânsito afeta subjetivamente os indivíduos e como eles respondem aos processos de mudanças vividos são os objetivos da pesquisa.

Para isso, tomo o conceito de hibridismo elaborado por Bhabha (2007) como um espaço de liminaridade, não no sentido referido por Turner (1974) de reintegração, e sim como um lugar dinâmico, de suspensão absoluta dos significados, num movimento em direção à dialética em que os significados são constantemente reconstruídos. Contudo, tem-se que ter em mente a questão política na afirmação de identidades que é intrínseca ao processo de globalização. Pois como ressaltou Hall (2002), não é possível conceber a continuidade e a historicidade da identidade de forma coerente e integral num mundo de “fronteiras dissolvidas”. Diante desse processo, que emerge a partir das confrontações culturais globais, dois efeitos distintos podem ocorrer: ou o fortalecimento das identidades locais ou a produção de novas identidades.

No que se refere à análise dos sentimentos expressados pelos estudantes cabo-verdianos no exterior ao falarem da cabo-verdianidade, parto das perspectivas de Lutz (1988) e de Rosaldo (1984) que rompem com a homogeneidade e afirmam a diversidade. Para Rosaldo (1984), analisar as emoções dentro de uma linguagem antropológica implica levar em conta a noção de pessoa para a sociedade estudada. Para a autora, os problemas que afetam as pessoas nas mais diversas sociedades podem até ser comuns, se pensarmos na recorrência de determinadas emoções em sociedades diferentes (LUTZ e WHITE, 1986), mas as respostas que cada uma delas vai dar para os problemas serão totalmente variadas. Essa perspectiva é análoga à de Lutz (1988) que aponta a importância do contexto e das relações de poder para a expressão de uma dada emoção, ressaltando o caráter não universal dos sentimentos. Para ela, toda sociedade tem um campo de conhecimento – que ela denominou de etnopsicologia – para formar um conjunto de saberes que fale da sua própria sociedade, explique o comportamento humano e as variações entre as pessoas.

1. O Projeto de formação acadêmica no exterior

Desde a infância os estudantes cabo-verdianos são socializados dentro da lógica da importância da formação para o destino deles próprios e de seus países. Para alguns estudantes pesquisados, o deslocamento apresentou-se como um projeto de vida, um ato de coragem em lançar-se para outro lugar, alguns deles, sem esperanças de poder voltar até que os objetivos da vinda para o Brasil se concretizassem. Matilde, jornalista cabo-verdiana⁵, disse que sempre soube que um dia sairia de Cabo Verde para estudar (MOURÃO, 2009). Tomo a noção de projeto abordada por Velho (1981; 1994) para analisar o projeto de vida, de formação acadêmica, dos estudantes cabo-verdianos no exterior. Para o autor, projeto se refere à elaboração de um “campo de possibilidades” circunscrito histórica e culturalmente a partir de paradigmas culturais existentes numa determinada sociedade. Esse processo, segundo Velho (1981), nunca é puramente subjetivo, existe sempre uma referência ao outro, ao social. “Os projetos são elaborados e construídos em função de experiências sócio-culturais, de um código, de vivências e interações interpretadas” (VELHO, 1981, p, 26). Passado e memória articulam-se para dar coerência e estabelecer significados aos diferentes momentos e situações passadas que estão fragmentadas na memória.

Em Cabo Verde o projeto de formação acadêmica é vivido como um compromisso: “sair, formar e voltar para retribuir”. Esse discurso, construído socialmente e naturalizado entre os estudantes cabo-verdianos, incorpora os discursos nacionalistas que, historicamente, projetaram na formação acadêmica uma alternativa para o desenvolvimento da nação e consequentemente do indivíduo. Ou seja, um projeto individual e coletivo, que incentiva os indivíduos a saírem do seu país em busca de qualificação profissional e acadêmica. Os estudantes que assumem esse compromisso têm que cumprir metas, sendo a principal delas, regressar graduados ao país de origem e retribuir o aprendizado adquirido. O projeto aqui é entendido como coletivo, no entanto, vai depender também de escolhas e de decisões individuais, uma vez que a formação é considerada ao mesmo tempo uma maneira dos

⁵ Matilde, 28 anos, graduou-se em Jornalismo pela Universidade Federal Fluminense (UFF) no ano de 1999. Chegou ao Brasil (Rio de Janeiro) em 1995, regressando no ano 2000 para sua cidade, Praia, capital de Cabo Verde, na Ilha de Santiago, onde foi entrevistada durante a minha pesquisa de campo com estudantes egressos, no ano de 2004 (MOURÃO, 2009).

indivíduos ascenderem socialmente. Além disso, é da responsabilidade dos estudantes e de suas famílias a escolha do país de destino, da cidade, e do curso de graduação que irão fazer, da mesma forma, que todo o sustento deles durante o período de graduação no exterior. Essas escolhas, com base na categoria de projeto, estarão ancoradas na biografia de cada indivíduo, em suas trajetórias individuais e familiares, mas também sociais. Pois, onde ir e o que fazer dependerá tanto das expectativas individuais, gostos particulares e aspirações familiares – o que os pais esperam dos seus filhos e da graduação no exterior, levando em conta o país de destino, e em termos de profissão – como também do que é valorizado socialmente em Cabo Verde, no mercado de trabalho cabo-verdiano, em termos de prestígio social e econômico. Por isso, como destacou Gusmão (2009), o compromisso com o projeto nacional de desenvolvimento dos países nem sempre é um processo consciente, e os ganhos e as perdas ao permanecerem tanto tempo “fora de lugar”, são um desafio tanto para as famílias e para os estudantes como para os governantes em Cabo Verde.

Uns podem manter o contato com o país, com os laços familiares e sociais – voltando em férias – outros não, regressando apenas ao final do curso, em razão dos recursos financeiros disponíveis. O sentimento da saudade é um tema bastante importante por estar sempre presente nos relatos da pesquisa como um espaço simbólico do trânsito entre “o aqui e o lá”. Lá está a nação, a casa, a família, os amigos, a língua *crioula*. Fora de Cabo Verde, eles têm que construir novas redes de amizades. Muito jovens, estarão pela primeira vez sozinhos, sem a proteção familiar, num lugar que lhes é estranho. Vão adquirir uma formação acadêmica, entrar em contato com experiências diversas: a universidade, os colegas, os professores, a nova cidade, o clima, a comida, os costumes. Tudo isto possibilita a eles um “trânsito entre fronteiras identitárias” diversas, no sentido dado por Capinha (2000), de identidades que se articulam entre a tradição a que estão referidos e aquela com a qual entram em contato. A formação realizada no exterior, seja em universidades brasileiras ou portuguesas, tem num impacto em termos de reconstrução de identidades e nacionalidades, sendo importante analisar as diferenças em como os estudantes formados aqui e lá lidam com a questão da dupla pertença, da identidade mestiça e híbrida. O que pode ainda contribuir para questionar se esses intercâmbios estudantis reafirmam antigas dependências no caso de Portugal, ou criam novas formas, no caso do Brasil.

2. “Não somos portugueses, não somos africanos. Somos mestiços, somos cabo-verdianos.”

Segundo Appiah (1997), para compreender a variedade das tradições culturais na África Contemporânea é preciso não apenas observar as diferentes experiências coloniais que elas vivenciaram, mas, antes de tudo, olhar para as “culturas pré-coloniais”. No tocante a colonização portuguesa na África, Cabo Verde tem uma especificidade complexa, lá não havia povos pré-coloniais. Assim, para compreender o diferenciado processo de construção da identidade cabo-verdiana é preciso atentar para alguns fatores históricos.

Cabo Verde foi povoado durante o processo de colonização, suas ilhas eram inabitadas até a chegada dos portugueses. Durante esse período, recebeu influências de diversas metrópoles européias, assim como de outros povos do continente africano – trazidos como escravos pelos portugueses – especialmente da Costa Ocidental da África, privilegiadamente da Guiné-Bissau, pela proximidade geográfica em relação ao arquipélago. A posição estratégica das ilhas nas rotas que ligavam Portugal ao Brasil, às Américas, e ao restante da África foi fundamental para sua utilização como entreposto comercial e de aprovisionamento. Mas quando o tráfico de escravos foi abolido em 1876, o interesse comercial de Portugal por Cabo Verde diminuiu, só voltando a ter importância a partir da segunda metade do século XX. No entanto, as condições necessárias para Cabo Verde ser o que é hoje já tinham sido criadas por meio de um intenso processo de miscigenação. Em razão das dificuldades provocadas pelo isolamento e pelo clima extremamente árido, com os grandes períodos de seca, e conseqüentemente de fome, houve muito descaso por parte da Coroa portuguesa em relação aos escravos e aos próprios colonos que, em períodos de estiagem mais severos, eram abandonados à própria sorte. A consequência disso foi uma grande miscigenação entre portugueses e africanos de diversas partes do continente. O fator isolamento, aliado às práticas coloniais de negação da diversidade, favoreceu ainda a quebra dos laços étnicos de parentesco em Cabo Verde, fazendo com que a diversidade étnico-cultural e linguística se dissipassem na colônia, diferentemente de Guiné-Bissau, Moçambique e Angola. Isso, segundo Hernandez (2002), contribuiu bastante para fazer dos cabo-verdianos auxiliares da administração colonial – os escolhidos pela metrópole – criando nas outras colônias portuguesas e, em particular na Guiné-Bissau, muita antipatia entre guineenses,

moçambicanos e angolanos, denominados de “indígenas” pelos portugueses, e os cabo-verdianos. Pois, mesmo com todas as dificuldades geradas pela seca em Cabo Verde, a “barreira epidemiológica” que havia no continente era ainda mais difícil de ser superada pelo colonizador (HERNANDEZ, 2002). Uma grande proliferação de doenças como o paludismo e a febre amarela dificultava o acesso dos portugueses às outras colônias, fazendo das ilhas cabo-verdianas local privilegiado para a criação de um espaço de transmissão da administração colonial. Lá, foram construídas escolas, ainda que precárias, para a formação de uma elite qualificada e ideologicamente confiável, apta a colaborar com o colonizador em funções de capatazes e administradores nas demais colônias (HERNANDEZ, 2002). Aos cabo-verdianos foi dada uma escolaridade bem mais elevada que aos indígenas, de forma que desse processo emerge uma elite letrada em Cabo Verde, que passa a se considerar superior aos indivíduos das outras colônias portuguesas. Segundo Vale de Almeida (2004b), na África continental houve uma *distinção real*, embora nem sempre legal, entre os colonos brancos (portugueses), os “intermediários assimilados” (cabo-verdianos e são-tomenses), e os “indígenas não civilizados”. Os cabo-verdianos, em especial as elites locais, se encontravam numa situação *in-between*, entre um e outro; oficialmente, não eram considerados indígenas, mas sim cidadãos portugueses. Vale de Almeida (2004b) ressaltou ainda que a escolarização foi uma maneira de diferenciação fundamental no período colonial, fazendo parte da construção diferenciada das identidades cabo-verdianas e formação das elites. Cabo Verde foi a grande porta de entrada dos portugueses para a África, por sua vez, Portugal também foi vista pelas elites cabo-verdianas como uma porta para a Europa, até mesmo hoje. Todos esses fatores juntos possibilitaram com que os cabo-verdianos se identificassem como portugueses europeus e “atlânticos”, decorrendo numa dupla pertença: africana e européia.

Segundo os sujeitos pesquisados de duas gerações diferentes (MOURÃO, 2009) a dupla identificação foi reafirmada por parte da elite intelectual cabo-verdiana influenciada pela intelectualidade portuguesa e pelos ideais do movimento literário da *Claridade*⁶ que, em meados do século XX, se valeu de analogias com o caso brasileiro para pensar Cabo Verde (VALE DE ALMEIDA, 2004b). Da mesma forma que no Brasil a intelectualidade exerceu

⁶ "A Claridade" foi uma revista literária criada em 1936 na Cidade do Mindelo, Ilha de São Vicente, que marcou o início do modernismo em Cabo Verde. Era de cunho nacionalista e propunha a emancipação cultural, social e política da sociedade cabo-verdiana. Seus idealizadores, Manuel Lopes, Baltasar Lopes da Silva e Jorge Barbosa pretendiam mostrar que Cabo Verde tinha uma literatura, uma cultura e uma língua próprias.

grande influência nas construções acerca da identidade nacional, os cabo-verdianos - intelectuais (autores citados e entrevistados) - privilegiaram abordagens que falam em “assimilação, miscigenação e ambigüidades identitárias”.

Desde a década de 1930, os debates acerca da construção da cabo-verdianidade foram acirrados e apaixonados. Na pretensão de refletir sobre o “homem cabo-verdiano”, muitos intelectuais cabo-verdianos juntamente com intelectuais portugueses discutiram a questão racial. Um dos tópicos mais importantes de suas reflexões era a classificação dos mestiços em “degenerativos, superantes ou de adaptação” (VALE DE ALMEIDA, 2004b, p, 256), em que muitos consideravam a mestiçagem uma “degenerescência”. No Brasil, também foi afirmada a supremacia da “raça branca” em detrimento da “raça negra”, especialmente no trabalho de Nina Rodrigues, intitulado “As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil”. A abordagem negativa do autor sobre a mestiçagem, legitimou a crença de que mestiços, negros e índios eram biologicamente incapacitados de controlar seus impulsos e responsáveis pelo enfraquecimento do caráter do brasileiro. Numa perspectiva oposta à de Nina Rodrigues, Freyre (2000) exaltou a mestiçagem e glorificou a mulata como elementos positivos da formação do povo brasileiro, tratando o português com grande plasticidade e apontando a mulher morena como a preferida entre eles para o “amor físico”, sendo por isso que, na sociedade brasileira, não havia preconceitos de cor.

O pensamento de Freyre (2000) influenciou bastante os intelectuais portugueses e cabo-verdianos. O próprio movimento Claridoso, buscava notadamente o valor positivo dos mestiços pela assimilação aos modos portugueses, tratando-se de processos de branqueamento, com influência marcadamente de Freyre e suas ideias sobre o Brasil (VALE DE ALMEIDA, 2004b, p. 264). Ocorre que há uma grande divergência entre esse pensamento e as idéias de Gilberto Freyre, que em visita a Cabo Verde em 1951, afirmou que o cabo-verdiano havia perdido o melhor das origens africanas, e ainda não podia reivindicar uma cultura predominantemente européia, concluindo que em Cabo Verde a mestiçagem não originou uma terceira cultura caracteristicamente cabo-verdiana (VALE DE ALMEIDA, 2004b). Isso contrariou totalmente os ideais dos intelectuais da Claridade que afirmavam a “diluição da África” em Cabo Verde e uma cultura própria. Ainda hoje, em Cabo Verde, se discute a “perda da identidade africana”, contudo não é posto em dúvida a existência de uma cultura especificamente cabo-verdiana por mais cosmopolita que ela seja. O próprio cosmopolitismo, assim como o hibridismo, é incorporado como característico da cultura

nacional. Correa e Silva (2004), autor cabo-verdiano contemporâneo, ao analisar a miscigenação em Cabo Verde, diz que esse processo produziu algo totalmente novo quando, ao longo do processo histórico, os cabo-verdianos desenvolveram uma “consciência de criouldade”, passando a não mais se sentirem portugueses e africanos “transplantados”, mas cabo-verdianos. No mesmo sentido, Vale de Almeida (2004a) tratou o diferencial cabo-verdiano que, segundo ele, transformou o “processo de criouldade” – escravos nascidos nas colônias, fruto de miscigenação entre nativos de diversos países e colonizadores – em “projeto de criouldade”.

Na tentativa de explicar a afirmação da identidade mestiça, alguns depoimentos (MOURÃO, 2009) revelaram que ainda hoje é a parte “africana” que, nas narrativas de unidade, parece ser a mais prejudicada no processo de construção das identidades. Os estudantes pesquisados expressaram a ideia de que os “africanos continentais” são para os cabo-verdianos como um outro perdido do continente. Como observou Massart (2002, p. 282), a África, para o cabo-verdiano, é um termo utilizado para definir uma identificação nacional às avessas. É interessante destacar que a grande maioria dos estudantes entrevistados (MOURÃO, 2009) que, hoje, devem ter entre trinta e trinta e cinco anos em média, e, ainda os bem mais jovens com idade entre dezenove e vinte e cinco anos, disseram nunca ter estado em nenhum país do continente africano. Mas ao contrário, já haviam ido a Portugal várias vezes, disseram ter parentes morando lá, também na Holanda, nos Estados Unidos, e atribuíram grande importância a mobilidade. Hirsch (2009), que também realizou pesquisa com estudantes cabo-verdianos no Rio de Janeiro, disse que eles se afirmaram “abertos para o mundo” e que a migração fazia parte das suas vidas. Análogo ao que observei sobre o cosmopolitismo cabo-verdiano, Hirsch (2009, p. 67-68) analisou a mobilidade em Cabo Verde como uma “especialidade nacional”, o que para ela possibilitou a criação de um “mito de identidade internacionalizada”. Os cabo-verdianos, formados no Brasil, pesquisados (MOURÃO, 2009) assumiram a sua pertença e identificação com a África e defenderam a afirmação da “africanidade” em Cabo Verde. Num sentido essencialista e imaginado nostalgicamente, alguns relataram que foi no Brasil que descobriram sua “africanidade”, passando a valorizar esta identificação como parte de sua história. Mas, em semelhança ao que foi observado por Hirsch (2009), essa “herança africana” não deixa de estar sempre relacionada com a afirmação da identidade mestiça e híbrida, seja pela questão histórica da

miscigenação no período colonial, seja pela diáspora cabo-verdiana. É importante ressaltar que a reflexão sobre a “africanidade” é privilegiadamente feita no Brasil, uma vez que em Cabo Verde, eles não têm que pensar se são africanos, já que esta é uma identificação desvalorizada socialmente, sendo o “mundo exterior” – a Europa, os Estados Unidos –, a sua referência principal (HIRSCH, 2009; MASSART, 2002). No Brasil, eles são negros, africanos, estrangeiros, e sofrem discriminações. No entanto, ser um negro estrangeiro é mais vantajoso como forma de atenuar o preconceito em relação a eles no Brasil. Aqui, é perguntado para os estudantes onde se localiza Cabo Verde, o porquê de terem o sotaque português, se lá na África eles dormem em casas, o que eles comem, ou se o país é muito pobre, fazendo com que pensem sobre a sua história e pertença ao continente. Além disso, no Brasil, eles têm acesso às narrativas de valorização da negritude produzidas tanto pela intelectualidade, pelos movimentos negros, como pelas ações afirmativas realizadas no Brasil que, por meio do discurso essencialista pautado nas origens, buscam estrategicamente reduzir as desigualdades sociais.

No que se refere à análise do processo de redescoberta de si de estrangeiros em outros contextos sociais, a reflexão feita pelos estudantes no Brasil repõe a importância desta investigação, agora do ponto de vista da vivência também em Portugal, uma vez que ser um estrangeiro em algum lugar implica a relação sempre intrincada entre processos de inclusão e exclusão, relações de poder, fundamentais para entender a ressignificação de identidades em situação de deslocamento. Como destacou Gramsci (1975) sobre a importância dos intelectuais, são eles os portadores da fala do meio intelectual de onde vêm e que constroem as ideias para os outros do grupo – seja da burguesia, seja do proletariado. A reflexão feita pelos estudantes formados no Brasil e em Portugal, sobre suas identidades e nacionalidades fará uma diferença em Cabo Verde. Pois, é depositado neles a confiança de que retribuirão, no regresso, o aprendizado adquirido fora do país, assumindo cargos em Cabo Verde como administradores, jornalistas, advogados, arquitetos, educadores, sociólogos entre outros, aptos a desenvolver ações e projetos para a construção da nação e da cabo-verdianidade.

3. Identidades e nacionalidades

Fruto de um processo histórico vivido pela Europa, sobretudo, entre os séculos XVIII e XIX, o ideal político do Estado-nação, no plano intelectual, foi alicerçado pelas ideias iluministas universalistas e modernas de racionalidade, emancipação e integração social. Nesse processo, o sujeito do Iluminismo teve um papel fundamental, uma vez que representou uma grande ruptura com o passado, libertando o indivíduo da sua posição tradicional e divinamente estruturada (HALL, 2002). O indivíduo soberano da modernidade passa a ser singular, autônomo, dono de seus atos, do seu presente e do seu futuro; acredita no progresso e na Ciência para resolver os problemas tanto materiais como espirituais. Na antropologia, dois autores foram fundamentais na reflexão sobre o indivíduo. Dumont (1985), com base na leitura de Mauss (1974), mostra que a noção de indivíduo é ensejada na sociedade moderna ocidental, chamando atenção para a noção de pessoa desenvolvida por Mauss como aquela pessoa particular que crê em determinada coisa. A partir de Mauss e de sua formulação do “eu”, que já afirmava a dificuldade em separar o “eu” individual do “eu” social, Dumont define o indivíduo moderno como “anti-social”, uma vez que buscando a igualdade e a homogeneidade ele nega a diferença. Na sociedade moderna, onde o individualismo prosperou, o indivíduo é o portador dos valores supremos da sociedade da qual faz parte e pretende a universalidade de seus ideais, o que implica que todas as outras sociedades devem passar pelas mesmas etapas de modernização e progresso. Esses ideais foram difundidos pelas Ciências Biológicas e Humanas fazendo do pensamento moderno um modelo de racionalidade a ser seguido, que legitima o Ocidente como superior, auge da civilização, especialmente em função das conquistas européias por novos territórios. Esta reflexão está presente em Said (2001) que mostra como a Europa construiu sua identidade de superioridade, lógica racional e científica, pelo encobrimento das diferenças e homogeneização das culturas de outros povos, criando um conjunto de representações sobre o Oriente que o autor denominou de *Orientalismo*.

Dessa forma, a nação moderna passou a ser um modelo para as outras nações. Na ciência política, um dos pensadores clássicos que refletiu sobre o tema da nação como projeto da modernidade foi Renan (1997). Segundo ele, o que constitui a alma da nação é o monopólio comum de um grande “legado de lembranças e o desejo de compartilhar desse legado”.

“A nação, como o indivíduo, é o resultado de um longo passado de esforços, de sacrifícios e de devoções. O culto aos ancestrais é, entre todos, o mais legítimo [. . .] um passado heróico, grandes homens, glória [. . .]. Ter glórias comuns no passado, uma vontade comum no presente; ter feito grandes coisas juntos; querer continuar a fazê-las, eis as condições essenciais para ser um povo” (RENAN, 1997, p. 39).

Gellner (1993) deteve-se também bastante sobre esse tema. Segundo ele, o nacionalismo é a consequência de uma nova forma de organização social, baseada na “cultura erudita”, dependente da educação e protegida pelo Estado. Com o processo de intelectualização do indivíduo dá-se uma relação entre racionalismo e individualismo, segundo Gellner (1993), provocando uma mudança política que se constituiu como sentimento nacional com base na ideia de democracia, de um espírito de igualdade perante a lei, fazendo da “elite letrada⁷ a detentora dos saberes”, a essência da identidade da nação moderna. Análogo ao que foi afirmado por Gellner (1993), Hobsbawm (1998), Mauss (1972) e Renan (1997), embora não abordem nacionalismo e sentimento nacional todos da mesma forma, assentem em afirmar que para a existência da nação é necessário um sentimento coletivo de igualdade de direitos e de deveres em relação a um poder central: o estado.

Anderson (1989), para quem a nação é uma “comunidade política imaginada”, como implicitamente limitada e soberana, observou que a *nation-ness*, nacionalidade, bem como o nacionalismo, uma vez criados foram prescritos como modelos universais. Uma forma de aliar a naturalização – cada comunidade nacional com sua autonomia e sua própria língua – à manutenção do poder dinástico. Segundo o autor, era a fusão de duas ordens, a imperial (dinástica) e a particular (nacional), em que tanto a língua como a educação tiveram um papel fundamental. Com a imposição da unidade linguística e ensino padronizado (ou oficial), os “nacionalismos oficiais” pretendiam a homogeneidade na construção da identidade nacional.

Com isso, ressalto que as nações modernas européias, durante o período colonial ou pós-colonial, em muito disputaram a formação dos indivíduos das colônias e ex-colônias, numa tentativa de expandir não somente suas fronteiras territoriais (assimilando outras nações), como também suas fronteiras simbólicas (valores e crenças). Os estudantes cabo-verdianos que, no período colonial, fizeram suas formações profissionais em Portugal,

⁷ Por elite letrada podemos tomar todos aqueles que usufruem a “cultura erudita”, assinalada por Gellner, os formados, os intelectuais, membros da Igreja, políticos, cientistas e estudiosos em geral. No caso a ser estudado, a elite letrada são os quadros profissionais cabo-verdianos formados no Brasil e em Portugal.

entraram em contato direto com os referenciais culturais do colonizador, com acesso ao pensamento ocidental moderno construído na Europa, inseridos no habitat metropolitano. Para Anderson (1989) foram os deslocamentos que possibilitam a consciência nacional e o surgimento do nacionalismo nos territórios coloniais. Segundo ele, o trânsito permite ao indivíduo vivenciar um entendimento maior sobre si próprio e os outros, seu lugar de origem, na relação com outros lugares, outras pessoas, que falam outras línguas, que têm outras maneiras de rezar, de comer, de dançar, de vestir, sendo exatamente isso que possibilitou o questionamento da dominação colonial. Dessa forma, destaco a importância da formação dos estudantes cabo-verdianos – como parte da elite letrada, “essência da identidade da nação” de que falou Gellner (1993) – realizada no exterior, para entender os processos de reconstrução de identidades e nacionalidades em Cabo Verde. Contudo, parto de uma perspectiva crítica às teorias do nacionalismo moderno que, com uma visão essencialista da identidade, divergem da proposta teórica da pesquisa que enseja uma análise das identidades como não homogêneas, mas sim como analisado por Carneiro da Cunha (1986) como identidades estratégicas e situacionais. Da mesma forma, o conceito de nação, marcado historicamente por idéias sintetizadoras, pretende aqui ser pensado de forma múltipla e plural, considerando-o não restrito exclusivamente à língua, ao território, à religião ou à raça, embora todos esses referenciais sejam construtores de identidade nacional (HALL, 2003). Ou seja, a identidade nacional é entendida como uma busca de unidade que só existe de forma “imaginada” politicamente, uma grande nostalgia de representar a coletividade de forma homogênea, pois as narrativas que homogeneizam a nação não fazem efetivamente o mesmo com as práticas culturais. Apenas o imaginário é homogeneizado, não podendo confundir a ideologia das práticas de homogeneização do imaginário com a experiência cotidiana dessas práticas. Daí decorre a importância fundamental para a atual pesquisa da perspectiva teórica dos trânsitos coloniais e dos estudos pós-coloniais, que têm a pretensão de desconstruir os essencialismos fazendo uma crítica epistemológica às concepções dominantes de modernidade postas pelas teorias do nacionalismo moderno. Essa perspectiva foi lançada pelos intelectuais da diáspora como Appiah (1997), Bhabha (2007), Said (2001), Hall (2003; 2002), Spivak (1988), entre outros, que saíram de suas fronteiras e criaram margens, abrindo novas possibilidades para pensar suas próprias fronteiras e seus próprios projetos nacionais. Segundo esses estudos, é preciso dar conta da multiplicidade dos processos por que passaram a Índia, a África, como são hoje, sabendo que o discurso da unidade nacional não funcionou, mas, compreendendo

também, que a herança mesmo sendo inadequada, é indispensável para uma realocização de sentidos. Ou seja, não é possível resgatar a origem antes da colonização. Contudo, a proposta não é se desfazer do processo histórico, mas analisar os discursos e narrativas elaboradas pelos sujeitos pesquisados, sem prendê-los de forma enraizada ao seu passado colonial.

Considerações finais

Acredito que a afirmação dos cabo-verdianos da identidade mestiça, híbrida, “aberta para o mundo”, além de ser afirmada como condição de existência, resultado da miscigenação, pode ser considerada uma marca identitária política estratégica e especificidade criativa usada para se fazerem ouvir e se inserir no mundo globalizado (HALL, 2002). É ao mesmo tempo, uma maneira de serem incluídos, usufruindo do logos e do modelo de desenvolvimento moderno, e uma marca identitária construída ao longo do processo histórico de colonização e formação da nação cabo-verdiana. A identidade mestiça foi construída, se constrói e se reconstrói na história de Cabo Verde. Primeiramente, ela foi a própria condição de existência do povo cabo-verdiano, num segundo momento, se reafirmou e se reproduziu na diáspora, para por fim fazer parte de uma estratégia política de inclusão do país na globalização. Cabo Verde foi porta de entrada da Europa em direção ao continente africano e às Américas, e a Europa sua porta de saída para o mundo. E não somente a Europa, mas os Estados Unidos, e agora o Brasil.

O *deslocamento-transitório* de estudantes cabo-verdianos para o Brasil e para Portugal pressupõe a possibilidade de um olhar diferenciado para si próprios no contato entre alteridades. Problemas como inclusão e exclusão são cotidianamente vivenciados no confronto entre culturas distintas, possibilitando aos estudantes uma reconstrução de sentidos e uma nova maneira de se sentirem cabo-verdianos. E mais uma vez a questão se coloca: Quais as diferenças que essa experiência de vida, em Portugal e no Brasil, pode representar em termos de novas construções de sentidos? No caso de Portugal, o que será mais acentuado: a produção de novas identidades ou a exacerbação da identidade local? A pesquisa permitirá questionar ainda se a composição heterogênea dos quadros profissionais em Cabo Verde, colocando em convívio distintas identidades ressignificadas, quando regressarem ao país, poderá ser um fator gerador de novas e positivas identidades e nacionalidades, assim como de

ações políticas estratégicas, que ampliem o leque de possibilidades para Cabo Verde no plano local e internacional ou, de outra forma, promovam polarizações e novas formas de dependência, seja em relação a Portugal, seja em relação ao Brasil.

Bibliografia

- ANDERSON, Benedict. *Nação e Consciência Nacional*. São Paulo: Ática, 1989.
- APPIAH, Kwame Anthony. *Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- CAPINHA, Graça. “A poesia dos imigrantes Portugueses no Brasil: *ficções críveis no campo da(s) identidade(s)*” in: Feldman-Bianco, Bela & Capinha, Graça (orgs.) *Identidades estudos de cultura e poder*. São Paulo: HUCITEC, 2000, p. 107-148.
- CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. “Etnicidade: da cultura residual mas irreduzível*” in: *Antropologia do Brasil: mito, história, etnicidade*. São Paulo: Brasiliense: Editora da Universidade de São Paulo, 1986.
- CHAUÍ, Marilena. *Brasil mito fundador e sociedade autoritária*. 4.ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.
- CORREA E SILVA, António Leão. *Combates pela história*. Praia: Spleen, 2004.
- DA MATTA, Roberto. “Digressão: a fábula das três raças, ou o problema do racismo à brasileira.” In: Roberto da Matta. *Relativizando: uma introdução à Antropologia social*. Rio de Janeiro: Vozes, 1981. pp. 58-85.
- DUMONT, Louis. *O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.
- FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo: Ática, 1978. vol. 1.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala*. 39.ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2000.
- GELLNER, Ernest. *Nações e nacionalismo*. Lisboa: Gradiva, 1993.
- GEERTZ, Clifford. “Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura” in: *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GUSMÃO, Neusa. “Apresentação”. *Pro-Posições – Dossiê Ensino superior e circulação internacional de estudantes: os Palop no Brasil e em Portugal – UNICAMP*, v.20, n. 1 (58) – jan./abr. 2009.
- GRAMSCI, A. *Quaderni del carcere*. In: GERRATANA, V. (Org.). Ed. Crítica. 4v. Turim: Einaudi, 1975.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2002.

_____. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Liv Sovik (org.) Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HERNANDEZ, Leila Leite. *Os Filhos da terra do sol: a formação do Estado-nação em Cabo Verde*. São Paulo: Summus, 2002.

HIRSCH, Olívia Nogueira. “A gente parece um camaleão’: (re)construções identitárias em um grupo de estudantes cabo-verdianos no Rio de Janeiro”. In: *Pro-Posições – Dossiê Ensino superior e circulação internacional de estudantes: os Palop no Brasil e em Portugal – UNICAMP*, v.20, n. 1 (58) – jan./abr. 2009.

HOBBSBAM, J. Eric. “A nação como novidade: da revolução ao liberalismo” in: *Nações e nacionalismo desde 1780*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

LUTZ, Catherine. *Unnatural Emotions*. Chicago, University of Chicago Press, 1988, cap. III e V.

_____. WHITE, Geoffrey. The Anthropology of Emotion. *Annual Review of Anthropology*, n. 15, p. 405-436, 1986.

MASSART, Guy. “Viajantes profissionais e estrangeiros cabo-verdianos no Rio de Janeiro: experiências do ‘outro’”. In: *Raça como retórica: a construção da diferença*. Claudia Barcellos Rezende e Yvonne Maggie (orgs.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

MAUSS, Marcel. “Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a de “eu” In: Marcel Mauss. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974. vol.1.

_____. *Sociedad y Ciencias Sociales*. Barcelona: Barral Editores, 1972.

MOURÃO, Daniele Ellery. *Identidades em Trânsito: África “na pasajen” identidades e nacionalidades guineenses e cabo-verdianas*. Campinas: Arte Escrita, 2009.

MOURÃO, Daniele Ellery. *Identidades em trânsito: um estudo sobre o cotidiano de estudantes guineenses e cabo-verdianos em Fortaleza*. Monografia, Fortaleza – CE: Universidade Federal do Ceará, 2004. (Mimeo.).

RENAN, Ernest. “O que é uma nação?” in: Rouanet, Maria Helena (org.) *Cadernos da Pós/Letras – Nacionalidade em Questão*. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, 1997, p.12-43.

ROSALDO, Michelle. “Toward an Anthropology of Self and Feeling”. In: Richard Shweder and Robert LeVine (orgs.) *Culture Theory: Essays on Mind, Self and Emotion*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984, p.137-57.

SAHLINS, Marshall. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. "Can the Subaltern Speak?" in: *Marxism and the Interpretation of Culture*. Eds. Cary Nelson and Lawrence Grossberg. Urbana, IL: University of Illinois Press, 1988, p. 271-313.

TURNER, W. Victor. *O processo ritual: estrutura e anti-estrutura*. Petrópolis – RJ: Vozes, 1974.

TZVETAN, Todorov. *O Homem Desenraizado*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

VALE DE ALMEIDA, Miguel. “Crioulização e fantasmagoria” in: *Anuário Antropológico*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004a, pp. 33-49.

_____. “O projeto crioulo. Cabo Verde, colonialismo e criouldade” in: *Outros destinos: ensaios de antropologia e cidadania*. Porto: Campo das Letras, 2004b, pp.255-319.

VELHO, Gilberto. “Memória, identidade e projeto” in: *Projeto e Metamorfose: Antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

_____. “Projeto, emoção e orientação em sociedade complexas” in: *Individualismo e cultura: notas para uma Antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.